



## **CORPO ESCRITOR CRÍTICO: CONSTRUINDO PONTES PARA UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA PARA ALÉM DO BANCARISMO**

## **CRITICAL WRITER BODY: BUILDING BRIDGES TO A LIBERATING EDUCATION BEYOND BANKING**

DOI: 10.5281/zenodo.10672037

*Waldenilson Teixeira Ramos<sup>1</sup>*

### **Resumo**

Este artigo consiste em um relato de experiência, no qual busco compartilhar as práticas pedagógicas vivenciadas no ano de 2021, no contexto da escrita, e os desafios associados à implementação de uma práxis de natureza crítica durante os tempos de pandemia. Para tanto, é imprescindível elevar a abordagem pandêmica não apenas à dimensão da organicidade — biológica/natural —, mas também enfrentar sua faceta política — no âmbito da microfísica do poder, no plano da imanência. Dessa maneira, busco analisar o problema em suas dimensões macro e micropolíticas, as quais se entrelaçam continuamente, evidenciando a constatação de que tudo é político, inclusive o ensino e a educação. As reflexões presentes neste trabalho permeiam a experiência pedagógica e as limitações dos campos teóricos e práticos que fundamentam a perspectiva metodológica deste resumo. Por fim, destacam-se como questões-problemas centrais deste manuscrito as seguintes indagações: Como conceber uma práxis pedagógica que confronte as diferenças e proporcione um ambiente de ensino e educação no contexto histórico-material, onde os fundamentos significativos de liberdade conduzem à conscientização em prol da transformação do mundo? Em um ambiente virtual, como pode ocorrer a formação de um corpo de escritores em evolução e crítico? Desta forma, apresentam-se os desafios cruciais que pretendo abordar nas entrelinhas deste trabalho. Todas as experiências de ensino e educação aqui discutidas envolvem interações com corpos marginalizados; trata-se de um relato de um professor negro em relação a estudantes mulheres, travestis, minorias sexuais e pessoas em condições socioeconômicas vulneráveis. Compartilho essas experiências a partir desta perspectiva. O reconhecimento desse entrelaçamento constitui o primeiro gesto crítico em ação.

---

1 Psicólogo registrado sob o CRP 05/72529, atualmente dedicado ao mestrado em Psicologia, com ênfase na linha de pesquisa Subjetividade, Política e Exclusão Social, pela Universidade Federal Fluminense. Graduou-se em Psicologia pela mesma instituição em 2022 e está em processo de especialização nas áreas de Ciências Sociais e Ciências Políticas na Faculdade Focus. Desempenha papel ativo como pesquisador na Universidade Federal Fluminense (UFF) e no Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (CLAEC). Como extensionista, contribui para projetos na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na própria UFF. Paralelamente, assume a função de Tutor na Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (FINATEC). Experiência profissional abrange a Psicologia Social e Saúde Mental, destacando-se em temas como ética, política, resistência, micropolítica e inclusão. O profissional está comprometido com a pesquisa e o desenvolvimento acadêmico, buscando contribuir significativamente para o campo da Psicologia.



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

**Palavras-chave:** Escrita; Política; Pandemia; Ética; Ensino.

## ABSTRACT

This article consists of an experience report, in which I seek to share the pedagogical practices experienced in the year 2021, in the context of writing, and the challenges associated with the implementation of a praxis of a critical nature during times of pandemic. To this end, it is essential to elevate the pandemic approach not only to the dimension of organicity — biological/natural — but also to face its political facet — in the context of the microphysics of power, on the plane of immanence. In this way, I seek to analyze the problem in its macro- and micro-political dimensions, which are continually intertwined, highlighting the fact that everything is political, including teaching and education. The reflections in this work permeate the pedagogical experience and the limitations of the theoretical and practical fields that underpin the methodological perspective of this summary. Finally, the following questions stand out as the central problem-issues of this manuscript: How can we conceive of a pedagogical praxis that confronts differences and provides an environment for teaching and education in the historical-material context, where the significant foundations of freedom lead to awareness in favor of transforming the world? In a virtual environment, how can the formation of an evolving and critical body of writers take place? These are the crucial challenges that I intend to address between the lines of this work. All of the teaching and educational experiences discussed here involve interactions with the world.

**Keywords:** Writing; Politics; Pandemic; Ethics; Teaching.

## O PROBLEMA E AS CONTRADIÇÕES

Neste artigo, relatarei minhas experiências em práticas pedagógicas no campo da escrita e os desafios de efetivar uma práxis de cunho crítico em tempos de pandemia. Elevo o problema pandêmico não apenas à dimensão da organicidade — biológico/natural —, mas também à sua face política — no campo da microfísica do poder, no plano da imanência. Pretendo traçar o problema em sua dimensão macro e micropolítica (Deleuze; Guattari, 2012). São duas dimensões que se entrelaçam constantemente, levando à constatação de que tudo é político, inclusive o ensino-educação<sup>2</sup> (Freire, 2021).

---

<sup>2</sup> Uma das reflexões mais importantes no pensamento de Paulo Freire é a contínua construção do educador durante sua prática pedagógica. O educador jamais atinge um estado de totalidade ou completa formação, mas desenvolve-se na prática; ao ensinar, o educador se educa junto aos seus educandos. Nesse sentido, o pensador enfatiza que não existe ensino sem pesquisa, pois ao ensinar, o educador se confronta com o mundo, realizando, assim, uma constante interação entre pesquisa e ensino. Essa dinâmica culmina na configuração do que Freire denomina de ensino-educação. Dessa forma, o conceito tensiona em uma práxis, representando a unidade dialética entre teoria e prática.



Para abordar essa tarefa, retomarei reflexões da corrente filosófica chamada "Filosofia da Diferença" e as significativas contribuições do educador brasileiro Paulo Freire em suas obras "Educação como prática de liberdade" e "Pedagogia da Autonomia". Consciente das possíveis leituras de contradições entre essas linhas epistemológicas, neste trabalho, vejo-me implicado em tecer uma aposta teórica-metodológica transdisciplinar. Essa aposta visa percorrer as terçaduras das reflexões e as inflexões desses polos de pensamentos, estruturalistas e pós-estruturalistas<sup>3</sup> da filosofia da diferença, e a episteme marxista/Paulo freiriana em seu aspecto sócio-constitutivista. Embora os planos de análise dessas duas vertentes de pensamento se diferenciem — a filosofia da diferença localiza-se na imanência, enquanto a perspectiva marxista/Paulo freiriana no materialismo histórico —, a confecção de um ponto de interseção é, no mínimo, conflitante. Contudo, é nesse gesto de aposta teórica-metodológica que desejo implicar o problema central deste trabalho, um limiar entre as reflexões e inflexões, uma aposta no limite transgressor, que nomeio de transdisciplinar — gesto transgressor do pensamento e da reflexão, um processo da pragmática do pensamento de aparente contradição, mas que forja a dialética da experimentação empírica do vivível, também denominada de aposta.

Colocando o desafio do problema deste trabalho, as reflexões tangenciam a experiência pedagógica e as limitações dos campos teóricos que sustentam a abordagem deste artigo. Como pensar uma práxis pedagógica que confronte a diferença e propicie espaço de ensino-educação no campo material histórico — onde grandes fundamentos libertinos perpassam a tomada de consciência em direção à transformação do mundo — e a produção de um corpo escritor em devir? Em quais planos essas forças políticas emergem? É possível pensar a emergência dessas forças simultaneamente? Ressaltando o tempo material pandêmico de nossa época e o plano imanente das segmentaridades produtivas de desejo

---

<sup>3</sup> Considerando a extensa discussão ainda presente no campo acadêmico sobre essa linha epistemológica, optei por utilizar ambas as nomenclaturas, estrutural e pós-estrutural. Essa discussão é evidente ao abordar a compreensão do pensamento do filósofo francês Michel Foucault. Enquanto o pensador se autodenomina estruturalista em várias ocasiões, em suas aulas e entrevistas, alguns historiadores insistem em categorizá-lo como pós-estruturalista, baseando-se em considerações técnicas da história contemporânea. Assim, decidi manter ambas as posições, destacando o amplo debate que continua a se desenvolver nesse contexto.



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

aniquilador da diferença, qual é o papel do educador frente à urgência de educandos críticos e emancipados? Assim, o grande problema que pretendo abordar nas linhas e entrelinhas deste trabalho é apresentado.

O material empírico central desta produção provém das minhas experiências como docente no projeto do Grupo de Diversidade Niterói (GDN)<sup>4</sup>, especificamente, no setor PreparaEnem<sup>5</sup>; na moradia estudantil UFF/Niterói, no projeto PreparaNós, e em minhas atividades comunitárias e particulares de ensino textual da redação dissertativa-argumentativa<sup>6</sup>. Esses movimentos montaram o cenário da sala de aula presencial e virtual como campo de tensão e construção educacional para educandos e para mim como sujeito. A tecnologia da escrita, além do objetivo direto da comunicação, apresenta-se como um processo reflexivo de si e do mundo. Especialmente, a tipologia textual dissertativa-argumentativa direciona-se a temáticas políticas contemporâneas, colocando em xeque discussões e reflexões sobre o mundo singular da pessoa e as polaridades das afecções políticas da atualidade. O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em 2015, exigiu a competência de construir um ponto de vista sobre a "Persistência da violência contra a mulher

---

4 O Grupo Diversidade Niterói emerge como resultado de uma prolongada luta do movimento LGBTQIAP+ no Estado do Rio de Janeiro. Inicialmente constituído como uma Organização Não Governamental (ONG) voltada para o acolhimento das demandas da população trans no centro do Rio de Janeiro, o GDN consolidou sua presença no município de Niterói, onde encontrou o suporte necessário para sua efetivação e crescimento. Fundado em 24/01/2004, o grupo é o organizador da Parada do Orgulho LGBTI de Niterói e detentor do título de Patrimônio Cultural Imaterial da cidade, sendo uma entidade ativamente engajada na luta pelos direitos da comunidade LGBTQIAP+.

Ao longo dos anos, o GDN expandiu suas atividades, tornando-se um centro de referência que realiza diversos projetos em todo o Estado do Rio de Janeiro. Essas iniciativas têm como objetivo principal proporcionar acolhimento e assistência às pessoas trans em situação de vulnerabilidade econômica. A gama de serviços oferecidos inclui atendimento psicológico, programas educacionais de caráter pré-vestibular e outras ações que visam promover o bem-estar e a inclusão social dessa comunidade.

5 O PreparaNós, embora implementado em um território federativo, é um projeto não-governamental. Esta iniciativa exclusiva dos moradores da moradia estudantil UFF/Niterói tem como objetivo compartilhar conhecimento e preparar funcionários terceirizados, que prestam serviços para a Universidade Federal Fluminense (UFF), para os principais vestibulares.

6 Todas as práticas se dirigiam ao preparo dos vestibulares e concursos públicos que tinha com competência exigida de classificação a carta dissertativa-argumentativa.



na sociedade brasileira", tema não apenas histórico, mas ético-político. Nesse mesmo tom ético-político e, em última instância, estético, a análise reflexiva do nosso tempo aborda as operações macros e micropolíticas do território brasileiro. Assim, para que um aluno pudesse posicionar-se minimamente e defender sua tese, o candidato deveria ter passado por uma construção de um corpo escritor crítico em linhas transversais<sup>7</sup>. Atentando para os desafios impostos pela pandemia ao mundo e ao distanciamento social, tornou-se urgente repensar as práticas pedagógicas no espaço cibernético e os entraves socioeconômicos.

## PROCESSOS CORPO E MUNDO

Como atitude de afastamento das supostas posições de neutralidade e universalidade do saber predominantes no Ocidente, um corpo pode localizar e expressar sua territorialidade. Essa operação enunciativa de si marca uma ruptura com o modelo de pensamento presente na filosofia platônica, cartesiana e kantiana — uma corrente de pensamento que baseia o acesso ao conhecimento na representação da razão (Deleuze; Guattari, 2010). A aposta ética-metodológica deste trabalho convida a outras práticas para se conhecer a si e o mundo, implicando o distanciamento do modelo hegemônico de produzir saber, uma cisão de uma

---

<sup>7</sup> A noção de transversalidade foi profundamente elaborada pelo pensador, psicanalista e ativista Félix Guattari. Este conceito desempenha um papel crucial para promover uma reviravolta epistêmica nas práticas e análises clínicas da época, ao adotar uma perspectiva crítica em relação aos atravessamentos políticos, econômicos e históricos que influenciam a subjetividade humana. Em outras palavras, o autor destacava as diversas forças presentes tanto no campo externo quanto interno que exerciam impacto nas práticas terapêuticas da época. Essas práticas, até então, negligenciavam em grande parte os efeitos institucionais na vida e nos sofrimentos relatados por muitos pacientes. Assim, surgiu a necessidade de observar a horizontalidade da vida sobre o corpo extensivo e intensivo, uma análise que se voltava para outras linhas ontológicas.



racionalidade assentada em *telos*<sup>8</sup> — ação da razão que se baseia na territorialidade, uma locação sedentária (2010).

Na história do discurso vencedor da episteme filosófica no Ocidente, a máxima desembarcou no famoso dito cartesiano cogito ergo sum — penso logo existo — (Descartes, 2005). Esse pressuposto afirma a existência na imagem da racionalidade, uma imagem universal, desvinculada das forças políticas do mundo, sem gênero, corpo ou raça, alinhada com o sistema de dominação da branquitude e do patriarcado. Neste contexto, surge a motivação para realizar uma contraforça, uma aposta na marcação de um corpo, desterritorializando o pensamento assentado na razão e afirmando que todo discurso advém de um lugar de fala, de um corpo impregnado de códigos de gênero, raça, classe e normatividades/desvios. Assim, este trabalho se diferencia necessariamente de uma ciência positiva, uma forma de conhecer o mundo herdeira do método de análise via hiperbólica da dúvida presente no pensamento cartesiano.

Na forja dos escritos deste trabalho, a marcação da identificação do corpo é fundamental na confecção crítica da discussão que gostaria de propor. Seja como educador que expressa as direções que se delinearão nas práticas pedagógicas ou nas marcações de minha experiência na relação com os educandos, todas as ações foram realizadas com um corpo localizado no mundo. Essa indicação é primordial nessa aposta ética, pois aqui o primado é de um corpo que relata e escreve impregnado de história e política, um corpo cheio de mundo e necessariamente no mundo — a minha escrita e dos educandos que tiveram comigo são escrituras imundas<sup>9</sup>. O desejo neste relato é fazer da identidade uma forma de

---

<sup>8</sup> A teleologia — do grego *τέλος*, finalidade, e *logía*, estudo — é o estudo filosófico dos fins, isto é, do propósito, objetivo ou finalidade. Onde a construção ontológica se faz em vias destinatárias. Uma vertente de pensamento profundamente presente na teologia que, em muitas instâncias, expressa que todas as coisas seguem um propósito e atendem um planejamento, assim como no pensamento cavinista que defende a pré-destinação do ser. Todo *Telos* é uma representação, uma imagem final para onde se destina a matéria e o espírito e, conseqüentemente, não há possibilidade de desvios, porque todos os desvios são colocados como parentes escapes, mas todos se encontram prescritos. Aqui encontramos um dos grandes discursos vencedores no pensamento da filosofia ocidental.

<sup>9</sup> Impregnado e encharcado de tudo que há na terra. (In)mundo.



combate ao episteme dominante de nosso tempo — fazer de si uma ferramenta de resistência, abandonando supostas neutralidades e afirmando toda força política e histórica que há em nós — reafirmando a multiplicidade na escrita (Deleuze, 1997). Todavia, é razoável admitir os riscos das armadilhas que circunscrevem as práticas confessionais cristãs da modernidade. Atento aos riscos dos ditos dos corpos, aí então, encontramos a ação de uma postura parresia<sup>10</sup>, localizar onde se enuncia, disputando sua identidade pelo discurso, não como um gesto de culpa, mas como movimento de coragem da verdade (Foucault, 2011). Isso implica dizer, anunciar: “Eu sou um homem preto, cis gênero e em um corpo padrão” é perigoso, um risco onde a legitimidade de quem fala pode e é colocada no cenário político, enfrentando a possibilidade de tornar-se um alvo. Basta olhar para a realidade, assim como ela se apresenta, e compreender quem é alvo dos grandes homicídios no país, muitos executados pelo Estado, pois é o corpo de desvio e este é o objeto da disciplina (2014) — em casos mais gerais, a necropolítica. Com isso, posto a dimensão de quem diz, onde diz, como diz e fala a partir de qual corpo, faz jus à direção da resistência deste trabalho, porque toma consciência do que se combate e da urgência do cunho ético e crítico.

Todas as experiências de ensino educação apresentadas aqui são vivências com corpos marginalizados, sendo este um relato de um professor preto em relação a estudantes mulheres, travestis, minorias sexuais e pessoas em condições socioeconômicas vulneráveis. Compartilho essas experiências a partir deste mundo. A admissão desse entrelace é o primeiro gesto crítico em ato.

## A SALA DE AULA E OS DESAFIOS DO MUNDO

O atual quadro pandêmico, devido à COVID-19, apresenta um novo desafio para toda a classe trabalhadora. Todos fomos afetados pelos efeitos diretos e indiretos desse enorme

---

10 "A parresia [...] é, portanto, uma determinada maneira de se expressar. Mais precisamente, é uma forma de proclamar a verdade. Em terceiro lugar, é uma maneira de proclamar a verdade de tal forma que nos expomos a riscos simplesmente pelo ato de proclamar a verdade. Em quarto lugar, a parresia é uma forma de enfrentar esse risco associado à proclamação da verdade, constituindo-nos de certa maneira como parceiros de nós mesmos ao falarmos, estabelecendo uma conexão com a afirmação da verdade e comprometendo-nos com a enunciação da verdade. Por fim, a parresia é uma maneira de se conectar consigo mesmo na afirmação da verdade, de se comprometer livremente consigo mesmo e na forma de um ato corajoso." (Foucault, 2018).



entreve sanitário global, e nós, educadores, enfrentamos uma adversidade inédita diante da necessidade de isolamento social e da prática do ensino/aprendizagem. Quase como resposta imediata ao impasse, o espaço cibernético se apresentou a muitos de nós como uma alternativa viável. Talvez possamos dizer que esse espaço imaterial já estava disponível para muitos dos professores que já se dedicavam ao ensino remoto, com aulas assíncronas ou síncronas. No entanto, essa não parece ser uma resposta possível para grupos que não têm pleno acesso à internet.

Muitas comunidades no estado do Rio de Janeiro vivenciam a realidade do domínio de milícias e facções. Esses regimes, muitas vezes, impedem a entrada das principais redes de telefonia e internet em seus territórios, estabelecendo seus próprios serviços ilegais e de baixa qualidade. Nesse contexto, surge um primeiro obstáculo: milhares de pessoas sem acesso à internet ou, quando o têm, com baixa qualidade de conexão. Esse foi um dos impasses que encontrei em minha jornada com algumas alunas trans/travestis no projeto PreparaEnem da ONG GDN. Esse cenário está fortemente presente nas periferias da cidade do Rio de Janeiro, onde "traficantes e milicianos estão interrompendo o serviço de internet de moradores e assumindo o controle da distribuição de sinal em várias regiões" (Regueira, 2020). Esse retrato faz com que o seguinte relato seja corriqueiro:

‘O dono dessa internet que tá aqui, agora, é da milícia! Eles [os milicianos] tiraram as outras que estavam aqui dentro. Tinha outras operadoras aqui dentro. Tudo legalizado, direitinho, e eles tiraram o cara porque eles queriam que os "cara" pagassem R\$ 32 mil por mês pra eles ficarem aqui’, denunciou um morador que pediu para não ser identificado (2020).

A inacessibilidade à internet de qualidade foi um fator de evasão significativo nas atividades educacionais voltadas para pessoas mais necessitadas. Em 2020, a prefeitura de Niterói, em parceria com o Grupo de Diversidade Niterói, beneficiou cerca de 30 alunos que eram atendidos pela instituição com tablets e chips de telefonia, proporcionando acesso à internet por um ano, além do acesso à plataforma de ensino Descomplica. O benefício foi direcionado às pessoas "T" — Trans, travestis e transgêneros — e outras pessoas dentro e fora da comunidade LGBTQIAP+ também foram beneficiadas. No entanto, mesmo as poucas



peças que receberam o benefício enfrentaram outros obstáculos em relação ao progresso de suas formações, especialmente esse grupo.

A realidade das pessoas "T" se apresenta de maneira dura, marcada pelo enfrentamento de uma série de estigmas, transfobia e pela colocação de seus corpos como grandes alvos de aniquilamento. Durante todo o período pandêmico, a dificuldade persistiu. Muitas disciplinas necessárias para um bom desempenho no vestibular, especialmente quando o educador não direciona sua prática de maneira crítica, podem ser apresentadas de forma afastada dos grandes temas políticos de nossa era. As discussões sobre os principais eixos temáticos nas redações dos vestibulares abordam diretamente assuntos políticos em disputa na realidade brasileira. O ENEM já cobrou temas como "A persistência da violência feminina na sociedade brasileira" em 2015; "Os caminhos para se combater o racismo no Brasil" em 2016; "Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil" em 2017; "Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet" em 2018; "Democratização do acesso ao cinema no Brasil" em 2019; e, mais recentemente, "O estigma associado às doenças mentais na sociedade brasileira" em 2020. Esses temas são questões históricas, políticas e sociais, e para que o estudante possa construir uma carta dissertativa-argumentativa interessante, é necessário ter uma visão crítica do mundo. Portanto, o professor de redação precisa direcionar seus esforços para construir um espaço de sala de aula transversal, onde o educando possa se tornar um sujeito em seu tempo, tomando consciência dos temas de sua sociedade e época. A tomada da palavra por parte dos alunos sobre esses temas é fundamental para fortalecer as bases de seu pensamento. Nesse cenário pandêmico e cibernético, onde busquei construir uma prática de ensino afastada do bancarismo, deparei-me com o enorme desafio de falar sobre as pessoas "T" em seus lares conservadores e opressores. Muitas estudantes relataram que preferiam não abordar assuntos mais delicados e temas que confrontassem visões conservadoras, devido à possibilidade de serem ouvidas por seus pais. A sala virtual nunca foi capaz de fornecer um espaço seguro para o debate, especialmente para os corpos mais marginalizados. Em muitas ocasiões, minhas falas eram marcadas por um constrangimento, um congelamento que afetava a mim e, principalmente, as alunas que me



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

ouviam. No entanto, esse era um desafio não apenas de enunciação de conteúdo reflexivo sobre o mundo, mas uma jornada parresíasta (FOUCAULT, 2011). Por outro lado, essa condição me colocava nas fronteiras do ensino bancário (FREIRE, 2021), e eram nesses momentos que eu me confrontava com a redução de tudo o que o ensino-educação pode proporcionar, afirmando o problema do bancarismo:

"bancário", que deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele sujeitoado pode, não por causa do conteúdo cujo "conhecimento" lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do "bancarismo" (Freire, 2021, p. 16).

A despeito das periculosidades inerentes ao emprego das linhas parresíásticas e das possíveis derivações de uma prática pedagógica crítica e libertina, tornou-se imperativo refletir sobre os remanescentes: o que restava a realizar durante o isolamento social? Qual era a minha capacidade residual para edificar um locus de expressão crítica e libertadora? Diante do risco inerente ao ato de expressar, frente ao embate contra o fascismo, tão patente em sua dimensão molecular (Deleuze; Guattari, 2010), o gesto que se apresentava como derradeiro era o da escrita. No contexto pandêmico, restava-nos a possibilidade de empreender a escrita como uma aposta, uma escrita capaz de incidir sobre o real e dilacerar as entranhas, as vozes e as estruturas do universo político delineado pela lógica mortífera da diferença (Martins, 2017). Portanto, a opção recaiu sobre a escrita crítica, buscando expressar aquilo que nos habitava, impulsionados pela força insurgente que residia em nosso interior, e assim, coletivamente, prosseguimos.

O necessário é que, subordinado, embora, à prática "bancária", o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o "imuniza" contra o poder apassivador do "bancarismo". Neste caso, é a força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita, que supera os efeitos negativos do falso ensinar (Martins, 2017, p. 16).

## TROCAS DE CORRESPONDÊNCIAS – OS GESTOS DAS CARTAS

A carta dissertativa-argumentativa é um texto redigido na forma de prosa e, de modo geral, tem como objetivo principal persuadir o leitor a adotar o ponto de vista do escritor. O



ensino da arte persuasiva representa uma pedagogia, no mínimo, desafiadora nos ambientes pautados pela horizontalidade e crítica, onde se almeja construir uma classe emancipada das lógicas autoritárias.

Contudo, buscando transcender as abordagens convencionais, coletivamente implementamos um sistema de correspondências para essas cartas, no qual o objetivo primordial não era persuadir, mas sim, promover a troca. Nesse formato, a intenção era expressar por meio da escrita o que muitas vezes não poderia ser verbalizado em diversos contextos, compartilhando com o outro o processo de desenvolvimento da escrita. Dessa forma, os gestos das cartas tornaram-se transversais — linhas de subjetivação permeadas por diversas forças políticas, tanto de opressão externa quanto de insurgência interna. O campo de transversalidades estava estabelecido, permitindo que todas as participantes lessem e escrevessem cartas umas para as outras. Todas podiam posicionar-se a favor ou contra as cartas umas das outras, oferecer explicações sobre a estrutura padrão dessa modalidade textual e apropriar-se da palavra por diferentes vias. Aqui, encontrei a única educação possível, onde o ser humano assume a posição de sujeito, não sendo condicionado pelas ficções de gênero, mas sim, tornando-se autônomo.

Se esta educação só é possível enquanto compromete o educando como homem concreto, ao mesmo tempo o prepara para a crítica das alternativas apresentadas pelas elites e dá-lhe a possibilidade de escolher seu próprio caminho (Freire, 1967, p. 23).

## **CORRESPONDÊNCIAS — OS GESTOS DAS CARTAS**

A carta dissertativa-argumentativa, uma forma textual em prosa, tem como propósito primordial persuadir o leitor a adotar a perspectiva do escritor. A prática de persuasão representa um desafio pedagógico nos ambientes que buscam horizontalidade e crítica, visando a construção de uma classe emancipada de lógicas autoritárias. No entanto, transcendendo os sentidos convencionais, implementamos coletivamente um sistema de correspondências para essas cartas, no qual o foco não é apenas persuadir, mas promover a troca. Nesse formato, a intenção é expressar por meio da escrita o que muitas vezes não pode ser verbalizado, compartilhando o processo de desenvolvimento da escrita com o outro. Os



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

gestos das cartas tornaram-se transversais, linhas de subjetivação atravessadas por diversas forças políticas, tanto de opressão quanto de insurgência interna. Esse campo de transversalidades permite que todas as participantes leiam e escrevam cartas umas para as outras, posicionem-se a favor ou contra, expliquem a estrutura textual e apropriem-se da palavra por diferentes vias. Neste contexto, encontramos a única educação possível, onde o ser humano se torna sujeito, autônomo e não condicionado pelas ficções de gênero.

## APRESENTAÇÃO DE MATERIAL EMPÍRICO

Como apresentação do material empírico desta experiência, compartilho algumas redações confeccionadas por mim. Contudo, por questões éticas, não apresentarei as cartas das estudantes sem consulta prévia, gesto que não pude realizar a tempo deste escrito. As redações que abordam minha vivência corpórea foram elaboradas sobre o problema sócio-político do racismo estrutural e a vida na periferia. Duas delas, em resposta ao vestibular ENEM e ao concurso militar AFA.

## REDAÇÃO 1

\*Tema: Os caminhos para combater a intolerância racial no Brasil (ENEM 2016; 2ª aplicação)\*

Autor: Waldenilson T. Ramos

"Existem muitas coisas que não nos contaram na escola. Cotas não são esmolas. Experimente nascer preto na favela para compreender. O que acontece com pessoas pretas e pobres raramente aparece na TV. Opressão, humilhação, preconceito. Sabemos como termina quando começa assim." Estas são palavras da artista e militante negra, Bia Ferreira, que busca expor a realidade por meio de suas composições. Para combater a intolerância racial no Brasil, é necessário explorar outros caminhos, como a educação e a política.

É fundamental entender que a educação molda uma sociedade, refletindo a cultura e formação dos indivíduos. Emmanuel Kant afirmou: "O ser humano é aquilo que a educação



faz dele." No entanto, a educação brasileira ainda carece de uma abordagem eficaz no combate ao racismo. Nesse contexto, a educação deve ser uma ferramenta mais ativa na luta contra a intolerância racial.

Além disso, as relações de poder no Brasil precisam ser revistas para que a sociedade alcance a vitória nesse combate. Historicamente, o país foi influenciado pelo sistema escravista, o que exige uma atuação mais forte do governo no enfrentamento da intolerância. O Estado deve ser um "Leviatã" forte o suficiente para pacificar as naturezas conflitantes dos homens, como sugeriu Thomas Hobbes. No entanto, a política brasileira tem sido marcada por uma história que perpetuou as relações de escravidão, exigindo uma compreensão aprofundada do passado para orientar ações futuras.

É evidente que a sociedade brasileira enfrenta um grande impasse na luta contra a intolerância racial, e a educação e a política são ferramentas valiosas nesse processo. No entanto, é necessário adotar novas abordagens nessas esferas, como aprimorar as políticas do Ministério da Educação e da Cultura (MEC), estabelecendo disciplinas obrigatórias de consciência social, étnica e racial no ensino médio, ministradas por professores e militantes negros.

## **REDAÇÃO 2: UMA IMAGEM, MAIS DE MIL MORTOS**

*Tema: A realidade da vida nas favelas e a maneira como são apresentadas atualmente para o mundo — AFA<sup>11</sup> 2016*

Autor: Waldenilson T. Ramos

"Aquela Campanha de Canudos lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo" - palavras segundo Euclides da Cunha. Tal afirmação foi feita pelo jornalista que desejou combater uma apresentação infame que, em última instância, gerou injúrias e uma guerra, a guerra de Canudos. Analogamente, as

---

11 Academia da Força Aérea.



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

favelas brasileiras são uns dos muitos alvos de produções imagéticas estereotipadas no Brasil. Esse cenário é fruto dos meios de comunicação que massificam uma determinada visão e, por consequência, fazem surgir uma violência fomentada.

Primordialmente, os meios de propagação de informação são os principais agentes de uma apresentação das favelas nociva à sociedade, já que a deixa indiferente. Tendo em vista a produção massiva que os meios de comunicação fazem de uma visão que dá notoriedade apenas à violência. Assim, é certo que nossa sociedade está cada vez mais insensível à violência operante nos morros. Porque, segundo Hannah Arendt, ações brutais podem ser naturalizadas pela repetição. Por causa disso, a produção em massa de uma apresentação exclusivamente da violência nas favelas é um impasse na contemporaneidade, pois insensibiliza as pessoas.

Além disso, por intermédio dessa insensibilidade, a violência nas favelas é fomentada. Visto que cerca de 60% da população brasileira concorda com a expressão: "Bandido bom é bandido morto", segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Observa-se, portanto, que no imaginário brasileiro, em certas condições, uma morte pode não ter significância alguma. Além disso, nesse cenário, os bandidos são designados, de forma generalizada, aos moradores de favela. Pois é nítido que a mesma leitura não é feita aos políticos corruptos, bandido bom é bandido morto, mas só quando é bandido de favela. Frente a isso, é certo que a insensibilidade à violência nas favelas é um impasse que, por consequência, legitima a morte de milhares. Assim, banido ou não banido, só se faz necessário ser apresentado como indigno à vida para que se possa morrer sem clemências.

Com isso, fica evidente que a apresentação das favelas está entrelaçada à forma como ela é apresentada a nós. Não distante da história de Canudos durante a república oligárquica, as comunidades têm vivido uma realidade de guerra. Da mesma maneira que se tinha uma visão estereotipada dos moradores do nordeste da Bahia no final do século XIX, os civis que moram nas periferias dos centros urbanos vivem a calamidade da violência cotidiana e da produção imagética que os segregam de uma vida digna.



## CORPO ESCRITOR CRÍTICO

Essas experiências marcaram o início da minha prática pedagógica no contexto pandêmico, um processo que apresentou a entrada de uma jornada desafiadora em novos contextos materiais e de novas possibilidades inventivas de vínculo com os educandos. Todas essas dimensões seguiram atravessadas pela escrita na direção da criticidade da história e do mundo.

Em outros momentos, com outros estudantes, outros contextos e desafios temáticos se apresentaram em minhas práticas, assim como muitos sucessos, a exemplo da vitória de educandas aprovadas em vestibulares e homens pretos aprovados nos concursos militares. Todas essas pessoas que passaram por mim muito me ensinaram e muitas coisas eu pude trocar com elas, legitimando a aposta primária do ensino-educação.

Seja onde estiverem esses educandos, em um momento ou outro, recebo notícias de suas jornadas. Anexo às suas mensagens, o caráter constitutivo da crítica e o olhar questionador se apresentam como inexoráveis em seus corpos. Aqueles que seguem carreira militar talvez tenham encontrado os maiores impasses frente às suas formações, no entanto, em suas passagens de ensino-aprendizagem junto comigo, a autonomia se fez elo chave de ensino. Pois "o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder aos outros" (Freire, 2021, p. 59).

Finalmente, constata-se que a construção de um corpo escritor só pode ocorrer em vias transversas, onde se abandona o bancarismo, e o processo de ensino-educação é a dialética da pesquisa do educador, sempre forjando ao lado de suas companheiras de sala de aula práticas de tomada de si como sujeito consciente das temáticas de seu tempo (Freire, 2021). O corpo escritor crítico não se alinha às formações autoritárias e hierárquicas, onde a força disciplinadora é engrenagem central e produtora de docilização dos corpos (Foucault, 2014). Assim, as atitudes reivindicatórias não se dão por um suposto saber, mas pela autorreflexão — "Auto-reflexão que as levará ao aprofundamento consequente de sua tomada de



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

consciência e que resultará em sua inserção na História, não mais como espectadoras, mas como figurantes e autoras" (Freire, 1967, p. 36).

## REFERÊNCIAS

- DESCARTE, René. **Discurso do método: 458**. 1. ed. Editora. L&PM; Edição de bolso, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. 1. ed. Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 3**. 2. ed. Editora. 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** 3. ed. Editora. 34, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. 1. ed. Editora. WMF Martins Fontes, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**. 4. ed. Editora. WMF Martins Fontes, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 1. ed. Editora. WMF Martins Fontes, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 1. ed. Editora. Paz & Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 1. ed. Editora. Paz & Terra, 2021.
- MARTINS, Beatriz Adura. **Por uma escrita dos restos: O encontro entre a psicologia e os assassinatos de travestis**. 1. ed. Editora. Gramma, 2017.
- REGUEIRA, Chico. **Traficantes e milicianos cortam internet de moradores no RJ para cobrar pelo serviço**. G1 – Rio de Janeiro. 20 out. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/10/20/traficantes-e-milicianos-cortam-internet-de-moradores-no-rj-para-cobrar-pelo-servico.ghtml>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2024.

*Recebido em: 19/12/2023*

*Aprovado em: 27/12/2023*

*Publicado em: 16/02/2024*